

# BRASÍLIA

## DISTRITO FEDERAL



CATHERINE AUBERTIN

DUDA BENTES

CRSTOM

BRASÍLIA  
DISTRITO FEDERAL



Este livro é um dos resultados da pesquisa desenvolvida em cooperação no âmbito do convênio CNPq-ORSTOM.

*Ce livre est l'un des résultats de la recherche menée en coopération dans le cadre des accords CNPq-ORTSTOM.*

# BRASÍLIA

## DISTRITO FEDERAL

CATHERINE AUBERTIN  
DUDA BENTES

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE



INSTITUT FRANÇAIS DE RECHERCHE SCIENTIFIQUE  
POUR LE DÉVELOPPEMENT EN COOPÉRATION

© Catherine Aubertin e/et Duda Bentes, 1989  
Texto/*texte* © Catherine Aubertin, 1989  
Fotos/*Photos* © Duda Bentes, 1989  
Foto página/*photo page 2* © Rita Bentes, 1989  
Texto de apresentação/*texte de presentation*  
© Catherine Aubertin e/et Duda Bentes, 1989  
Fotos páginas/*photos pages 9 à 13* © Mario  
Moreira Fontenelle/DEPHA-DF, 1989

Aubertin, Catherine.

Brasília: Distrito Federal/Catherine Aubertin,  
Duda Bentes; [colaboração do] Institut Français  
de Recherche Scientifique pour le Développement  
en Coopération. – Brasília: [s.n.], 1989.

84p.: il.

ISBN 85-85272-01-5

1. Fotografia – Brasília (DF) 2. Urbanismo – Brasília (DF) I.  
Bentes, Duda II. Título.

CDU 77.03:71 (817-4)

## AGRADECEMOS:

A EMBAIXADA DA FRANÇA EM BRASÍLIA  
pelo apoio a esta pesquisa sobre o  
processo de urbanização de Brasília.

PAPEL SIMÃO S.A. pela a oferta do papel  
couché 120 g sobre o qual o livro foi  
impresso.

O MUSEU VIVO DA MEMÓRIA  
CANDANGA pela autorização de  
reproduzir imagens do seu acervo.

## *NOUS REMERCIONS:*

*L'AMBASSADE DE FRANCE A BRASILIA  
pour son appui à cette recherche sur les  
dynamiques urbaines de Brasilia.*

*PAPEL SIMÃO S.A. pour nous avoir offert  
le papier couché 120 g sur lequel ce livre  
est imprimé*

*Le MUSEU VIVO DA MEMORIA  
CANDANGA pour l'autorisation de  
reproduire les photographies de Mario  
Fontenelle.*



Por ter contribuído no uso da imagem como elemento constitutivo da pesquisa científica, agradecemos:

*Pour avoir contribué à l'utilisation de l'image comme élément de recherche scientifique à part entière, nous sommes reconnaissants à:*

- la Mission d'Information Scientifique et Technique de l'ORSTOM,
- l'Unité de Recherche de l'ORSTOM "Peuplement, réseaux sociaux et dynamiques urbanines",
- o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal,
- o Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, as professoras Ignez Barbosa Ferreira e Marília Peluso de Oliveira,
- o Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília,
- a Assessoria de Cooperação Internacional do CNPq,
- a AGIL – Agência Imprensa Livre Ltda.,
- a União dos Fotógrafos de Brasília.





## APRESENTAÇÃO

### PRÉSENTATION

Este livro é o fruto da intercessão de duas linguagens, imagem e texto, enquanto rotas de apreensão da realidade social, no sentido de abordar a questão do desenvolvimento urbano de Brasília. A idéia de fazer este livro, no ano em que a fotografia completa 150 anos, surgiu da oportunidade oferecida pelo Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération (ORSTOM), na busca de divulgar os resultados de pesquisa realizada em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Esse trabalho de divulgação também envolve um esforço associado de dois profissionais, cada qual com os seus instrumentos: de um lado, a francesa Catherine Aubertin, doutora em Economia, pesquisadora do ORSTOM; de outro, o brasileiro Duda Bentes, fotógrafo, jornalista e estudante de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB). Ela, já conhecida na UnB por trabalhos de pesquisa sobre formação urbana e regional junto com o Departamento de Geografia; ele, um estudioso das contribuições que a imagem pode dar no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais.

Catherine Aubertin organizou, em 1987, um livro intitulado *Fronteiras*, editado pela UnB-ORSTOM. Duda Bentes reali-



*Este livro é o fruto da intercessão de duas linguagens, imagem e texto, enquanto rotas de apreensão da realidade social, no sentido de abordar a questão do desenvolvimento urbano de Brasília. A idéia de fazer este livro, no ano em que a fotografia completa 150 anos, surgiu da oportunidade oferecida pelo Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Coopération (ORSTOM), na busca de divulgar os resultados de pesquisa realizada em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).*

*Este trabalho de divulgação também envolve um esforço associado de dois profissionais, cada qual com os seus instrumentos: de um lado, a francesa Catherine Aubertin, doutora em Economia, pesquisadora do ORSTOM; de outro, o brasileiro Duda Bentes, fotógrafo, jornalista e estudante de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB). Ela, já conhecida na UnB por trabalhos de pesquisa sobre formação urbana e regional junto com o Departamento de Geografia; ele, um estudioso das contribuições que a imagem pode dar no âmbito das pesquisas em Ciências Sociais.*

*Catherine Aubertin organizou, em 1987, um livro intitulado Fronteiras, editado pela UnB-ORSTOM. Duda Bentes reali-*

zou, em 1988, uma pesquisa iconográfica que resultou no livro *Minha Mala, Meu Destino*, editado pela Alhambra. Ainda em 1988, foi selecionado no III Concurso Marc Ferrez onde recebeu uma bolsa do Instituto Nacional de Fotografia (INFoto/FUNARTE) e membro do conselho editorial do livro “O Processo Constituinte 1987-1988”, editado pela AGIL-UnB. São dois profissionais, duas línguas, duas linguagens, duas culturas, dois países – França e Brasil –, duas lutas em favor da promoção humana e que, precisamente nesse momento, comemoram dois bicentenários: o da Revolução Francesa e o da Inconfidência Mineira.

Enquanto linguagem, a imagem tem grande importância como memória, e esta ideia nos é reforçada a partir do momento em que tomamos conhecimento das fotos de Mário Moreira Fontenelle, fotógrafo da Presidência da República nos anos da construção de Brasília. Algumas fotos marcantes são aqui reproduzidas, graças à gentileza do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal. É interessante notar que a fotografia do marco zero, os eixos em cruz rasgados no cerrado, feita por



*près du Département de Géographie; le deuxième est un explorateur des potentialités de l'image dans la recherche en Sciences Sociales.*

*Catherine Aubertin a organisé, en 1987, le livre Fronteiras, publié par l'UnB-ORSTOM. Duda Bentes a réalisé, en 1988, une recherche iconographique qui a donné lieu au livre Minha Mala, Meu Destino, publié par Alhambra. Toujours en 1988, il a été sélectionné lors du troisième concours Marc Ferrez, où il a reçu une bourse de l'Institut National de Photographie (INFoto/FUNARTE). Duda Bentes a été membre du Conseil d'Édition du livre O Processo Constituinte 1987-1988, publié par AGIL-UnB.*

*Ce sont deux chercheurs, deux approches pour la connaissance en Sciences Sociales, deux langues, deux cultures, deux pays – la France et le Brésil – qui précisément aujourd'hui fêtent deux bicentennaires: celui de la Révolution Française et celui de l'“Inconfidência Mineira” (le principal mouvement précurseur de l'Indépendance du Brésil).*

*En tant que langage, l'image est de grande importance pour la mémoire. Cette idée s'impose quand on connaît les photos de Mário Moreira Fontenelle, photographe de la Présidence de la République pendant les années de la construction de Brasília, dont nous reproduisons ici quelques photos marquantes grâce à l'obligeance du département du Patrimoine Historique et Artistique du District Fédéral. Il est intéressant de noter que la première photographie de Brasília, montrant le croisement des axes déchirant le “cerrado”, enregistre non seulement le geste primaire de qui marque et prend possession d'un lieu, mais aussi le début d'une documentation visuelle qui nous permettra de voir et de comprendre le con-*



Fontenelle, registra não só o gesto primário de quem assinala e toma posse de um lugar, mas dá início a uma documentação visual que nos permitirá ver e entender o contexto humano e social do processo de interiorização da sociedade brasileira, a partir da década de 50.

Desde então, Brasília é motivo de toda forma de registro visual. De todos os ângulos, a todo momento, como se fosse a primeira filha, em seus primeiros anos, preenchendo o álbum de família, que será mostrado para todo mundo. A fotografia, assim como o cinema e mais tarde o “vídeo tape”, se tornam meios próprios para falar desta cidade. Esta propriedade se afirma por sua bela arquitetura, repleta de construções-monumentos, concebidas por seus criadores com formas arrojadas, sintetizando “prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade”. Rica na forma, Brasília também é rica em luz.

A linguagem visual pressupõe luz e forma. Onde encontramos estas qualidades podemos comunicar, e a imagem, conquistou uma autonomia como fonte de informação. Na área do conhecimento, a fotografia já ocupa um lugar próprio, como suporte de informações, que levarão a novas

*texte humain et social du processus d'intériorisation de la société brésilienne, depuis les années 50.*

*Dès lors Brasília fait l'objet de toute forme d'enregistrement visuel. Elle est montrée sous tous les angles, à tout moment, comme si c'était le premier enfant dont l'album de famille est montré à tous. La photographie, le cinéma et, plus tard, la "vidéo" sont les moyens privilégiés pour parler de la ville, de sa belle architecture, avec ses constructions-monuments aux formes audacieuses, synthèse de "l'annonce d'une révolution féconde en prospérité". Riche dans sa forme, Brasília est aussi riche en lumière.*

*Le langage visuel implique lumière et forme. L'image, comme source d'information, a acquis son autonomie. En tant que support d'informations, la photographie occupe son propre espace dans le domaine de la connaissance. Elle est amenée, ainsi, à faire de nouvelles découvertes. La macro-photographie permet de pénétrer dans des mondes invisibles à nos yeux. Les images des satellites conduisent l'homme à des points hors de son échelle.*

*Mais c'est ici, sur la superficie de notre planète, que la photographie opère sa*



descobertas. A macro-fotografia permite que penetremos em mundos impossíveis ao olho humano. As imagens dos satélites levam o homem a pontos distantes do nosso sistema.

Mas é aqui, sobre a superfície de nosso planeta, que a fotografia realiza seu maior feito. Concebida pela inteligência humana, a fotografia tem como objeto, registrar a humanidade para si mesma. É na realização deste feito que devemos entender a fotografia. Nada melhor, então, que as Ciências Sociais para encontrar no uso das linguagens visuais, um instrumento que transcenda o simples prazer da imagem, mas que as utilize como dado de comparação, reflexão e como forma de discurso interpretativo.

Partindo do princípio que uma fotografia, uma imagem nos seus melhores exemplos, é capaz de comover a quem nela se detém, supomos que nesse momento ela comunica. Aliando a arte no uso da linguagem, a uma definição de orientação da investigação de seu realizador, teremos então a contextualização necessária, para que o



*plus grande réalisation. Conçue par l'intelligence de l'homme, la photographie a pour but d'enregistrer l'humanité pour elle-même. Et c'est à travers cet objectif que nous devons comprendre la photographie. Les Sciences Sociales ne pouvaient alors manquer de trouver dans les langages visuels un instrument qui, dépassant le simple plaisir de l'image, l'utilise pour comparer, interpréter, réfléchir.*

*Dès qu'une photographie, une image, est capable d'émuvoir celui qui s'arrête pour la regarder, nous pouvons dire qu'elle est communication. Quand le langage, indissociable de l'art, se met au service d'une problématique de recherche scientifique, le produit final acquiert alors une valeur de connaissance.*

*Selon Luis Martins, du Département de Communication de l'UnB, "visualiser l'urbain – source importante d'information et d'images –, constitue certainement une des missions de la photographie, paradoxalement capable de fixer en une image statique la dynamique de la cidadinité, de l'urbis et de la polis, et surtout de rendre intelligibles les signes produits par la ville, cette profusion de langages qui caractérise les grandes villes contemporaines parmi lesquelles Brasília s'insère comme monument riche de signification architecturale et esthétique. C'est pour extraire de la réalité sociale des données significatives inscrites dans ce Patrimoine Historique de l'Humanité qu'est Brasília que se sont rencontrés dans ce livre les regards de l'économiste Catherine Aubertin et du photographe Duda Bentes".*

produto realizado tenha valor como dado de conhecimento.

Nas palavras de Luis Martins, do Departamento de Comunicação da UnB, “visualizar o urbano – por si só um manancial de dados e imagens –, é, certamente, uma das tarefas a que se pode prestar a fotografia, paradoxalmente capaz de congelar numa imagem estática a dinâmica social da *urbis*, da *civitas*, da *polis* e, sobretudo, da *semiopolis*, tal a profusão de linguagens que caracteriza as grandes cidades atuais, entre as quais Brasília se insere enquanto monumento repleto de significações arquitetônicas e estéticas. E é para extrair da realidade social dados significativos, contextualizada nesse Patrimônio Cultural da Humanidade, que é Brasília, que se reuniram neste livro as óticas da economista Catherine Aubertin e do fotógrafo Duda Bentes”.





**B**rasília é conhecida no mundo inteiro essencialmente pelas fotografias de seu conjunto arquitetônico. Sabe-se também da epopéia de sua construção e de sua curiosa organização urbana: um plano em forma de avião cercado de cidades-satélites.

Capital do Brasil, sede de um poder isolado de suas raízes históricas e de sua força econômica, Brasília não é uma dessas megalópoles com espantosa explosão demográfica. A “capital da esperança” é conhecida como uma cidade tediosa, autoritária, sem alma, ainda jovem para ter uma história e rígida demais para ser humana.

A inauguração de Brasília chamou a atenção de todos para o surgimento de um novo Brasil. Esta síntese da modernidade, da independência nacional e do dinamismo pioneiro emergiu do Planalto Central com toda sua luminosidade, atraindo o misticismo no coração imaginado do país, na fonte de três grandes bacias do continente. A construção de Brasília se integra na visão pioneira de conquistas do território, cada vez mais para o oeste, na busca de um novo Eldorado. A nova capital tinha que ser moderna e rigorosa, bela e funcional, lisa e fluída. Tudo o que poderia supor um ataque à Ordem e ao Progresso, através do plano de urbanização original, foi fortemente rejeitado. A impressão de vazio é resultado da vontade urbanística de incorporar o céu dentro da paisagem da cidade, de manter a pureza da arquitetura preservan-

do o olhar de detalhes inúteis, e de buscar, através da uniformidade, a utopia de um mundo em que todos são iguais. A vida privada se esconde por trás da cortina verde das árvores, dentro de superquadras aparentemente uniformizadas, que deviam acolher todas as classes sociais. A vida pública se fecha dentro de espaços reservados. O Eixo Monumental e o Eixo Rodoviário são privilegiados em relação ao tráfego e formam o esqueleto da cidade. A presença do homem ganha um aspecto singular e quebra a harmonia das perspectivas. Assim são mais sublinhadas as marcas do poder.

O discurso sobre Brasília-cidade se confunde quase sempre com o discurso de Brasília-governo: a cidade criada pelo Estado, para o Estado, é a expressão clara do poder. Ela foi formada com tantos símbolos, que criticá-la seria equivalente a derrubar os mitos fundadores do Brasil atual. Por isso é comum se falar de Brasília com o mesmo tom, exaltado e exagerado, presente durante sua construção. No entanto, é difícil ver Brasília como um símbolo da independência nacional, já que, na verdade, ela foi erguida com a ajuda do capital estrangeiro, e segundo um modelo de pretensão futurista e universal, que foi a vanguarda da pesquisa urbanística ocidental. É também difícil ver Brasília como o símbolo da unidade nacional, já que, na verdade, ela nasceu em meio a violentos conflitos e oferece um exemplo urbano em que discrimi-



nações espaciais e sociais se confundem facilmente.

Cidade super-planejada, Brasília é também uma cidade subjetiva. Sua idealização atravessou os grandes movimentos políticos do país desde o século XVIII. Ela foi modelada pelas migrações, pelos complexos laços sociais resultantes da história, que não se deixam abafar pela cidade, mas que agem sobre ela. Os movimentos migratórios de seus habitantes são ligados à história de todo o Brasil: os nordestinos construíram Brasília, os cariocas acompanharam a administração federal, os gaúchos expandiram a fronteira agrícola. As estratégias residenciais dos cidadãos, as diversas políticas de habitação levam a grandes redistribuições de população dentro do Distrito Federal e mesmo fora deste, nos loteamentos do Estado limítrofe de Goiás. Os itinerários intra-urbanos dos cidadãos reorganizam continuamente os espaços. A atividade econômica regula os movimentos pendulares que convergem para o coração da cidade — a rodoviária —, formando uma longa fila de ônibus superlotados. Os passeios dos fins de semana e as manifestações políticas desviam os espaços públicos de suas funções numa tentativa de reapropriação ainda tímida. Estes diversos movimentos se combinam para definirem múltiplas redes que marcam a cidade, a animam e se projetam sobre ela.

Brasília não surgiu de um deserto, e as cidades-satélites sempre acolheram a maior parte da população. Na inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, os futuros habitantes para quem foi concebida, fazem corpo mole e tentam recusar a se mudar do Rio de Janeiro para o cerrado, ao passo que seus construtores, os candangos, habitantes de fato, já então mais de

70.000, são fixados na periferia da cidade. Para muitos, a inauguração do Plano Piloto proclama a ilegalidade de sua situação urbana: eles devem deixar os canteiros de obras ou os acampamentos pioneiros, colocados a sua disposição até este dia fatal.

Oito dos atuais grandes centros urbanos já existiam então. Planaltina e Brazlândia, cidades antigas, originárias do ciclo do ouro e das grandes fazendas, são incorporadas ao Distrito Federal. Núcleo Bandeirante, a cidade livre, acampamento pioneiro oficial, mas provisório, conta então com 20.000 habitantes bastante determinados a permanecerem no local. Também declarada ilegal, a Vila do Paranoá, acampamento da barragem que formou o lago artificial de Brasília, resiste à destruição. Taguatinga, com 30.000 habitantes, e o Gama foram cidades-satélites rapidamente implantadas para acolherem trabalhadores da construção civil, invasores e flagelados da seca do Nordeste, sempre rejeitados no Plano Piloto. Sobradinho foi planejada para se tornar um núcleo rural, mas é ela que recebe os habitantes removidos das áreas inundadas pelo Lago Paranoá. O Cruzeiro é uma parte indefinida do Plano Piloto, onde se encontram suboficiais das Forças Armadas. Mais tarde, apenas três outras cidades, serão construídas: o Guarã em 1967, a Ceilândia em 1971 e Samambaia em 1988.

Brasília já nasce com sua organização polinuclear; logo de saída, ela discrimina, instaurando um vazio entre o Plano Piloto, sempre minoritário do ponto de vista demográfico, e as cidades-satélites.

A ilegalidade urbana encontrada na inauguração da nova capital desenvolveu-se. Que se trate do estatuto jurídico da terra

ou da moradia, do respeito às normas de urbanismo e de habitação, a ilegalidade se faz sempre presente, e sua acomodação re-trata uma constante fonte de lucro.

Estima-se que a metade das terras do Distrito Federal estão atualmente em situação irregular. Muitas estão mal cadastradas e em litígio. Agentes imobiliários fazem loteamentos urbanos em terras de vocação rural. Moradores das superquadras e do Lago anexam as áreas verdes coletivas à suas propriedades. Não são raros os exemplos de especulação imobiliária e de transferência de renda fundiária entre os órgãos públicos detentores de terras, as grandes empresas de construção civil, os bancos e algumas camadas da base social e política do Governo. As invasões são múltiplas, não só no seio de Plano Piloto, mas também nas cidades-satélites e nas áreas rurais. Grande parte de seus moradores é expulsa e realojada em novos loteamentos. Encontramos, na maioria das cidades-satélites, alinhamentos de módulos do tipo “BNH”, que constituem milhares de casinhas inicialmente todas iguais e que vão se diferenciando ao longo do ciclo de vida e de integração urbana e econômica de seus habitantes. O acesso a estas moradias sociais depende dos serviços do governo do Distrito Federal, que tece desta forma, grandes redes de clientela. Assim como os privilegiados do Plano Piloto, que sublocam sua moradia funcional, alguns dos beneficiários destes programas sublocam ou vendem seu direito de ocupação para se juntarem as novas invasões. As especulações relativas ao acesso à terra e à moradia não constituem monopólio dos poderosos. Se as invasões constituem campos e ação privilegiados para diferentes atores, elas espe-llham também uma necessidade de sobre-

vivência para toda uma população carente e oferecem perspectivas econômicas. É muito freqüente a figura do especulador popular que não habita a invasão, mas que ali constrói para alugar aos mais pobres. Ele se utiliza de outro nome que não o seu para se candidatar a um lote ou a uma moradia. Encontramos também várias associações de defesa dos habitantes, que oferecem resistência às tentativas de expulsão. Estas associações propõem soluções alternativas através de mutirões e impõem negociações, através das quais afirmam seu peso social e político. Enfim, o que todo invasor espera, é que sua situação seja regularizada, já que a nova Constituição reconhece o direito de posse a todo cidadão instalado em um lote há mais de 5 anos. Todas as habitações, por mais rudimentares que sejam, são registradas, numeradas pelo Serviço Social e levadas em conta nos planos de realojamento das populações. Isto porque Brasília é uma cidade rica, e o Estado seu principal agente imobiliário faz questão de proteger, custe o que custar, a organização do simbólico Plano Piloto.

O estudo das estratégias de acesso à terra e à moradia mostra claramente o processo de integração urbana, e é dentro deste espírito que devemos ver as invasões. Não podemos nos basear unicamente na configuração da favela. Não se trata apenas dos precários barracos fotografados ao pé da Catedral. Trata-se de todo um complexo formado por uma moradia, um local para se colocar as flores secas do cerrado que serão vendidas aos turistas, um bar... A ocupação interna das invasões é organizada, racional, como aquela observada por Fontenelle durante a construção de Brasília. A casa não constitui um simples abrigo, ela é mobiliada, e serve, quase sempre, de su-

porte a uma atividade econômica. Espera-se que ela dará acesso a um direito sobre a terra, e a um meio de se ter alguma renda.

As fotografias aqui apresentadas testemunham estes itinerários urbanos, estes movimentos que atravessam a cidade e lhe dão sua fisionomia própria. Elas testemunham também os espaços que homens e mulheres personalizam, desviam, constroem e se apropriam.





*O*n connaît Brasília essentiellement par des photos d'architecture. On se souvient aussi des récits épiques de sa construction et de sa curieuse organisation: un plan en forme d'avion, entouré de "villes satellites".

*Capitale du Brésil, siège d'un pouvoir isolé de sa base terrienne et de sa force économique, Brasília n'est pas une de ces mégapoles dont l'explosion démographique fait peur. La "capitale de l'espoir" est entachée d'une réputation d'ennui. On la trouve autoritaire, vide et sans âme. On la juge trop récente pour avoir une histoire, trop rigide pour être humaine.*

*L'inauguration de Brasília annonçait au monde la naissance d'un nouveau Brésil. Brasília, synthèse de la modernité, de l'indépendance nationale et du dynamisme pionnier, émergeait du Planalto Central où la lumière superbe appelle au mysticisme, au coeur imaginé du pays, là où les eaux se séparent pour rejoindre les trois grands bassins d'Amérique du Sud. La construction de Brasília fait partie du rêve brésilien d'un meilleur, toujours plus loin à l'ouest du territoire perçu comme illimité et à la portée de tous. La nouvelle capitale se devait d'être moderne et rigoureuse, belle et fonctionnelle, lisse et fluide. Tout ce qui aurait pu porter atteinte à l'Ordre et au Progrès en modifiant le Plan d'urbanisme original a été vigoureusement repoussé. L'impression de vide est le résultat d'une volonté de traiter le ciel comme un élément d'urba-*

*nisme, de préserver la pureté de l'architecture en évitant toute distraction inutile au regard et de rechercher l'utopie égalitaire par l'uniformité. La vie privée se déroule derrière des rideaux d'arbres, à l'intérieur de superquadras apparemment semblables où toutes les classes sociales devaient cohabiter. La vie publique est circonscrite dans des espaces réservés. Les voies de circulation, surdimensionnées, privilégiées, forment l'ossature de la ville. La présence de l'homme paraît bien incongrue face à ces larges perspectives. Les marques du pouvoir en sont d'autant plus exaltées.*

*Le discours sur Brasília-la ville se confond souvent avec le discours de Brasília-le gouvernement, tant la ville créée par l'Etat pour l'Etat est l'expression du pouvoir et se confond avec lui. Elle s'est formée de tant de symboles que sa remise en cause impliquerait une remise en cause de ses mythes fondateurs, ceux du Brésil actuel. Sans doute est-ce pour cela qu'il est malaisé d'en parler sans adopter le ton de la démesure qui a présidé à sa création. Pourtant, il est difficile de voir en Brasília un symbole de l'indépendance nationale alors qu'elle a été construite à grand renfort de capitaux étrangers, sur un modèle d'urbanisme à prétention futuriste et universaliste qui se voulait l'avant-garde de la recherche occidentale. Difficile également de voir en Brasília le symbole de l'unité nationale alors qu'elle a vu le jour au milieu de violents conflits et qu'elle offre un cas d'école où discrimi-*

*nations spatiales et discriminations sociales se recouvrent parfaitement.*

*Ville surplanifiée, Brasília n'en est pas moins une ville subjective. Son idéalisation a rythmé les grands moments politiques du pays dès le 18<sup>ème</sup> siècle. Elle a été façonnée par les migrations, par la trame de liens sociaux chargés d'histoire qui ne se laissent pas étouffer par les lieux et agissent sur eux. Les mouvements migratoires de ses habitants sont attachés à l'histoire de tout le Brésil, à ses régions (les Nordestins ont bâti Brasília, les Cariocas y ont suivi l'administration, les Gaúchos y ont repoussé le front pionnier agricole...). Les stratégies résidentielles des citadins, les diverses politiques de logement induisent de larges redistributions de populations dans le District Fédéral et même au delà, dans les lotissements de l'Etat limitrophe du Goiás. Les itinéraires intra-urbains des citadins réorganisent sans cesse l'espace. L'activité économique régit les mouvements pendulaires qui convergent au coeur de la ville, la rodoviária, en une longue file d'autobus surchargés. Les promenades de fin de semaine, les manifestations politiques investissent les lieux publics et les détournent de leurs fonctions dans une tentative de réappropriation encore timide. Ces divers mouvements se combinent pour définir de multiples réseaux qui se projettent sur la ville, la marquent et l'animent.*

*Brasília n'est pas surgie d'un désert et les villes satellites ont toujours accueilli la plus grande partie de la population. Lors de l'inauguration, le 21 avril 1960, les futurs habitants pour qui la ville a été conçue, les fonctionnaires de Rio de Janeiro, font la moue et tentent de refuser leur mutation dans le cerrado, alors que les bâtisseurs, les candangos, les habitants de fait, déjà plus*

*de 70.000, sont fixés à sa périphérie. Pour beaucoup, l'inauguration du Plan Pilote proclame l'illégalité de leur situation urbaine: ils doivent quitter les cités de chantiers ou les lots mis à leur disposition par contrat jusqu'à ce jour fatal.*

*Huit des grands centres urbains d'aujourd'hui existent déjà. Planaltina et Brazlândia, villes anciennes issues du cycle de l'or et des grandes fazendas sont incorporées au District Fédéral. Núcleo Bandeirante, la ville franche, la cité officielle mais provisoire du chantier, compte 20.000 habitants bien déterminés à rester sur place. Egalement mise hors la loi, Paranoá, la cité du barrage qui forme le lac artificiel de Brasília, résiste à la destruction. Taguatinga où l'on dénombre 30.000 habitants, et Gama ont été projetées en tout hâte pour accueillir les travailleurs des cités provisoires des entreprises de Travaux Publics, les "envahisseurs", les flagelados qui fuient la sécheresse du Nordeste que l'on repousse énergiquement loin des abords du Plan Pilote. Sobradinho est conçue pour devenir un bourg rural mais reçoit les sinistrés de la mise en eau du lac. Cruzeiro est un quartier indéfini du Plan Pilote où s'installent les militaires. Par la suite, seulement trois autres villes, Guarã en 1967, Ceilândia en 1971, Samambaia en 1988 seront construites.*

*Brasília naît donc d'emblée avec son organisation polynucléaire, d'emblée elle discrimine, d'emblée elle instaure un vide sanitaire entre le Plan Pilote, toujours démographiquement minoritaire, et les villes satellites.*

*L'illégalité urbaine trouvée dans la corbeille de baptême de la nouvelle capitale n'a fait que se développer. Qu'il s'agisse du statut juridique du sol ou du logement, du*

respect des normes d'urbanisme et d'habitation, l'illégalité est omniprésente, on s'en accomode et c'est une source de profit.

On estime actuellement que la moitié des terres du District Fédéral sont en situation irrégulière. De nombreuses terres sont mal cadastrées et en litige. Des promoteurs construisent des lotissements urbains sur des terres à vocation rurale. Des habitants des superquadras, des propriétaires de terrains sur le rives du lac annexent les chemins piétonniers et les espaces verts collectifs. On pourrait énumérer les nombreux exemples de transfert de rente foncière et de spéculation immobilière entre les organismes publics détenteurs de terres, les grandes entreprises de construction, les banques et certaines couches de la base sociale et politique du gouvernement.

Les foyers d'invasions, terme consacré pour les mouvements d'occupation illégale, sont multiples au sein du Plan Pilote, mais aussi dans les villes satellites ou dans les régions rurales. Une grande partie des "envahisseurs" sont expulsés et relogés dans de nouveaux lotissements. On trouve dans la plupart des villes satellites des alignements de modules "BNH", ces milliers de petites maisons initialement toutes semblables et qui se différencient le long du cycle de vie et d'insertion urbaine et économique de leurs habitants. L'accès à ces logements sociaux dépend des services du gouvernement du District Fédéral qui tisse ainsi de larges réseaux de clientèle. Comme les privilégiés du Plan Pilote qui sous-louent leur logement de fonction, certains bénéficiaires de ces programmes sous-louent ou vendent leur droit d'occupation pour rejoindre de nouvelles "invasions". Car les spéculations sur l'accès à la terre et au logement ne sont pas le seul fait des puissants. Si

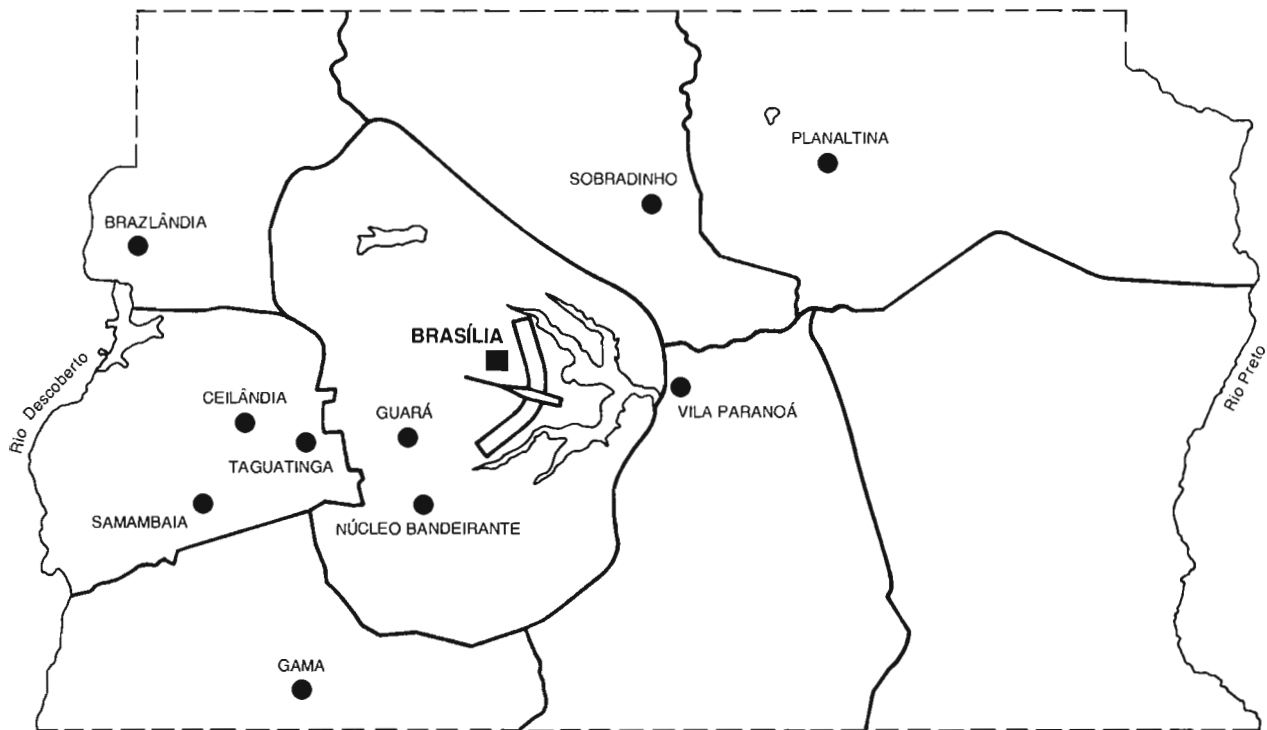
les "invasions" apparaissent comme des terrains d'action privilégiés pour des entrepreneurs d'importance diverse, elles sont aussi une nécessité pour la survie de toute une population démunie et sont porteuses de perspectives économiques. On rencontre fréquemment la figure du spéculateur populaire qui n'habite pas l'"invasion" mais qui y construit pour louer aux plus pauvres. Il se fait enregistrer sous d'autres noms pour prétendre à un lot ou à un logement. On rencontre également de nombreuses associations de défense des habitants qui organisent la résistance aux tentatives d'expulsion. Elles proposent souvent des solutions alternatives fondées sur l'entraide et imposent des négociations où elles affirment leur poids social et politique. Enfin, chacun espère voir sa situation régularisée conformément à la nouvelle Constitution qui reconnaît un droit de propriété à tout envahisseur installé sur un lot depuis plus de 5 ans. Toutes les habitations, aussi rudimentaires soient-elles, sont enregistrées, numérotées par les Services Sociaux et prises en compte dans les plans de relogement. Car Brasília est une ville riche - le District Fédéral possède le plus fort revenu par tête du Brésil -, où l'Etat est le principal entrepreneur immobilier et tient à protéger coûte que coûte l'organisation du symbolique Plan Pilote.

L'étude des stratégies d'accès au sol et au logement éclaire efficacement le processus d'intégration urbaine et c'est dans cet esprit qu'il faut voir les habitations précaires des "invasions". On ne peut s'arrêter à la configuration du bidonville. Ce ne sont pas uniquement des baraques précaires qui sont photographiées ou pied de la cathédrale. C'est tout un complexe formé d'un logement, d'une remise pour les fleurs séchées vendues aux touristes, d'un bar...



*Dans les "invasions", l'occupation interne des lieux est organisée, rationnelle, semblable à celle observée lors de la construction de Brasília par Fontenelle. La maison n'est pas un simple abri, elle est meublée, elle sert souvent de support à une activité économique. On espère qu'elle donnera accès à un droit sur le sol, que l'on pourra en tirer des revenus.*

*Les photographies présentées ici témoignent de ces itinéraires urbains, de ces mouvements qui traversent la ville et lui donnent sa physionomie. Elles témoignent aussi des espaces que les hommes et les femmes personnalisent, détournent, construisent et s'approprient.*

















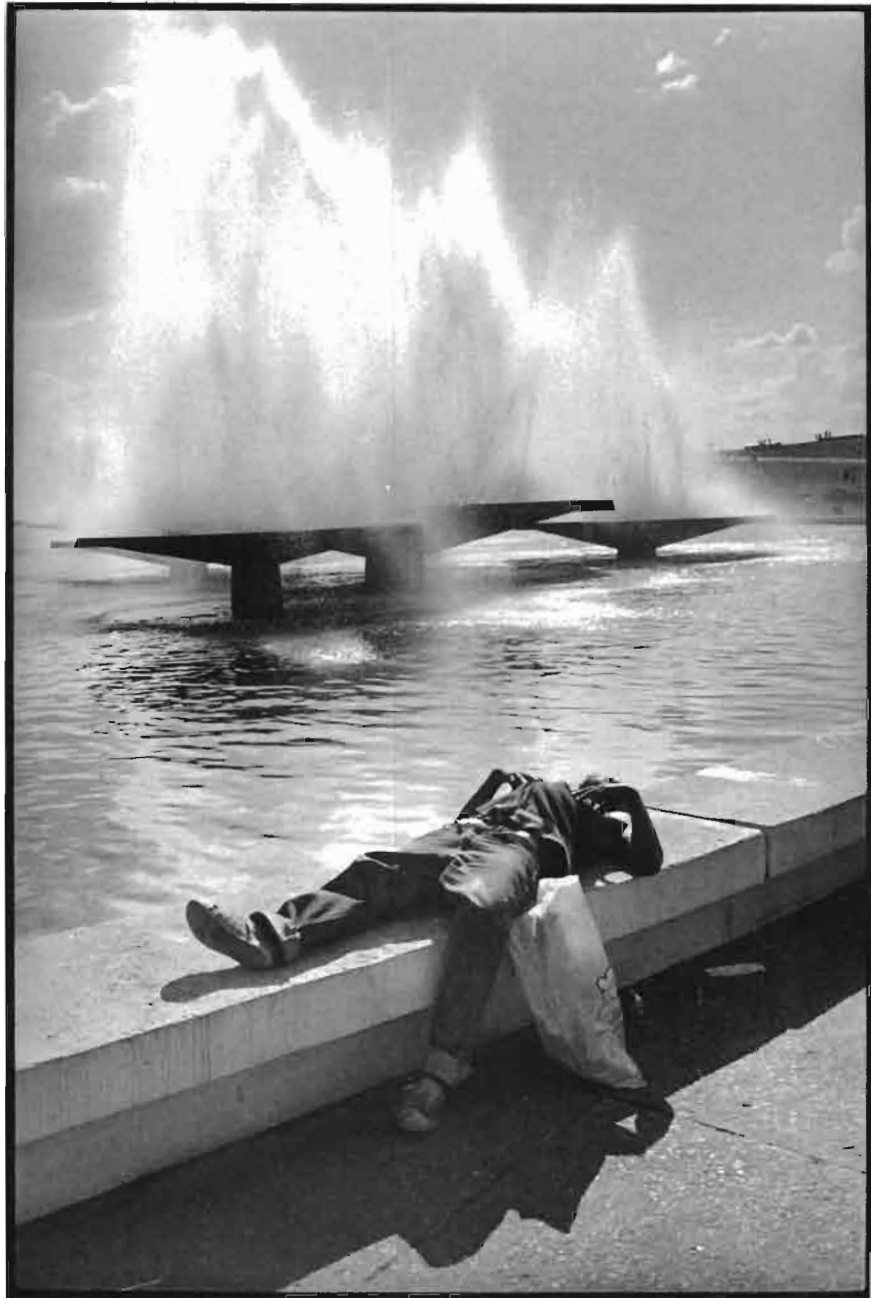




























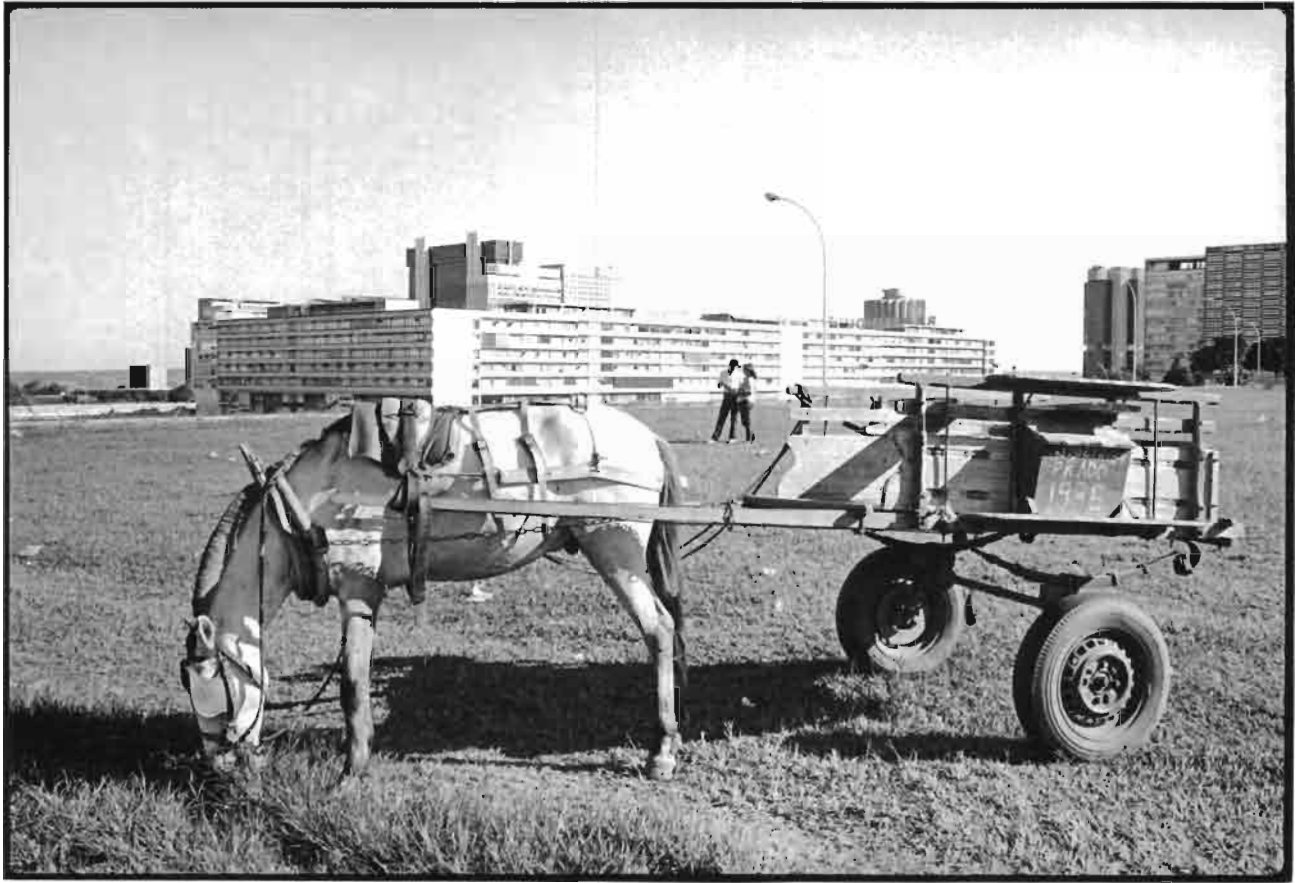








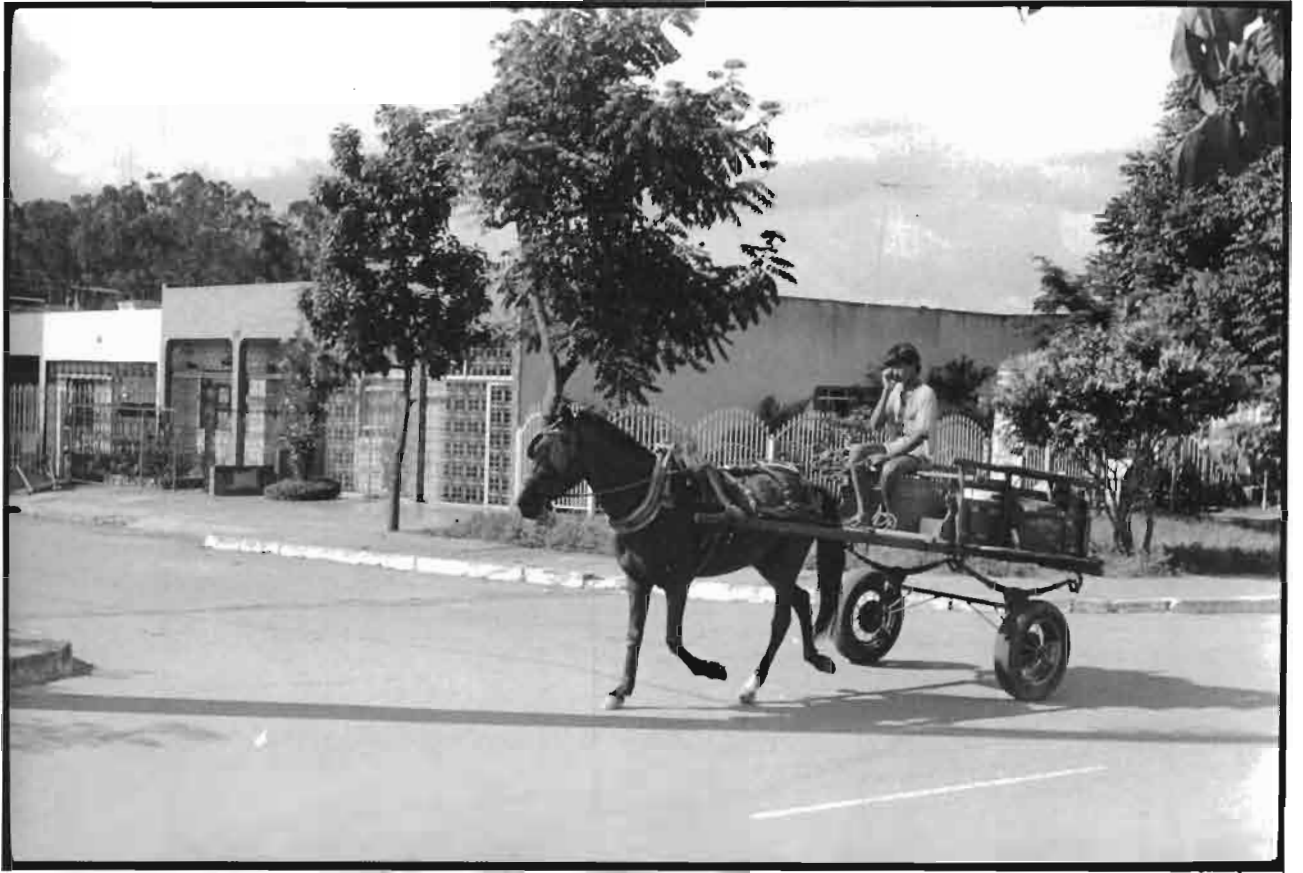












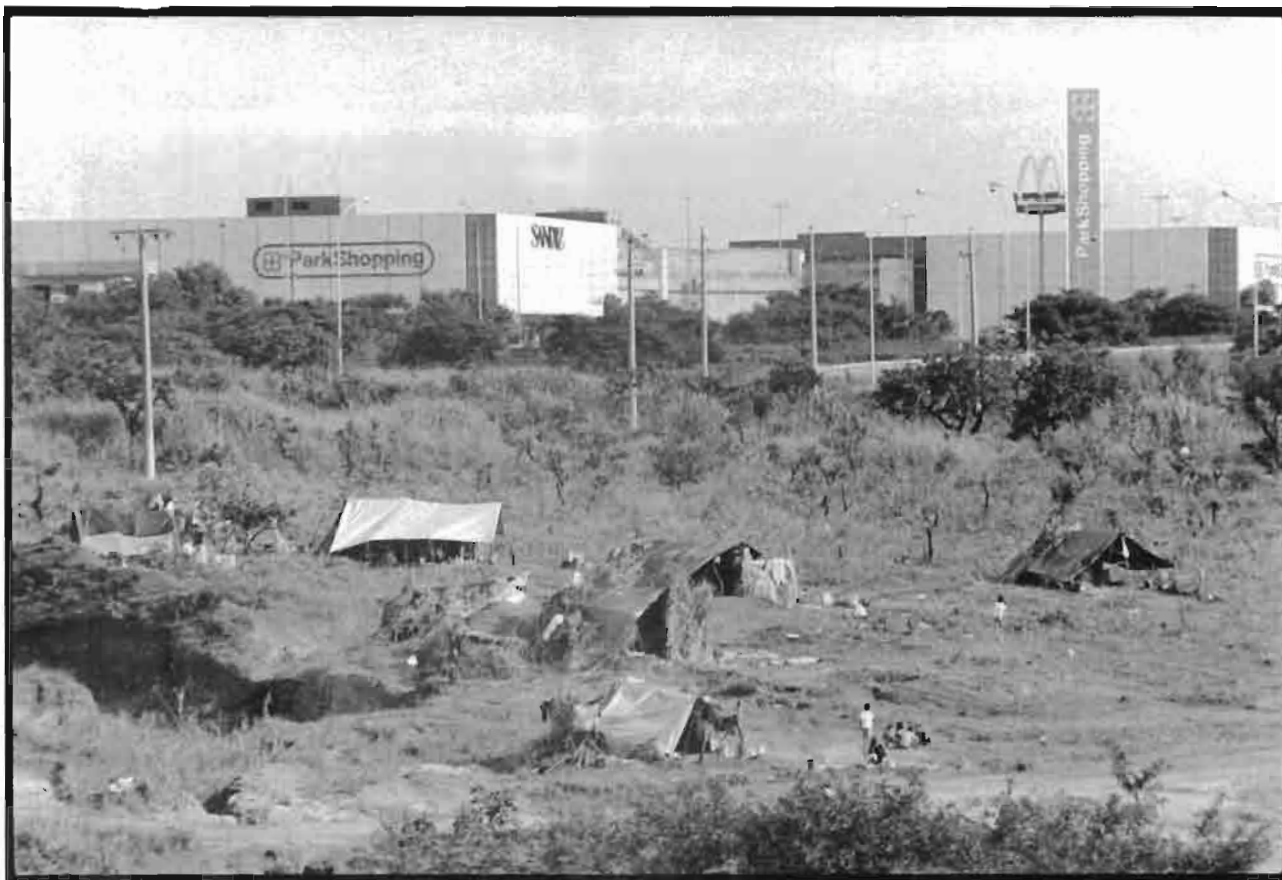




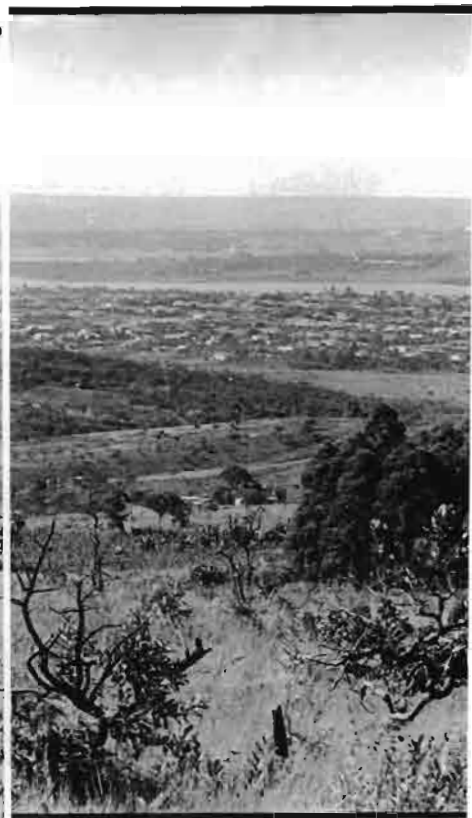
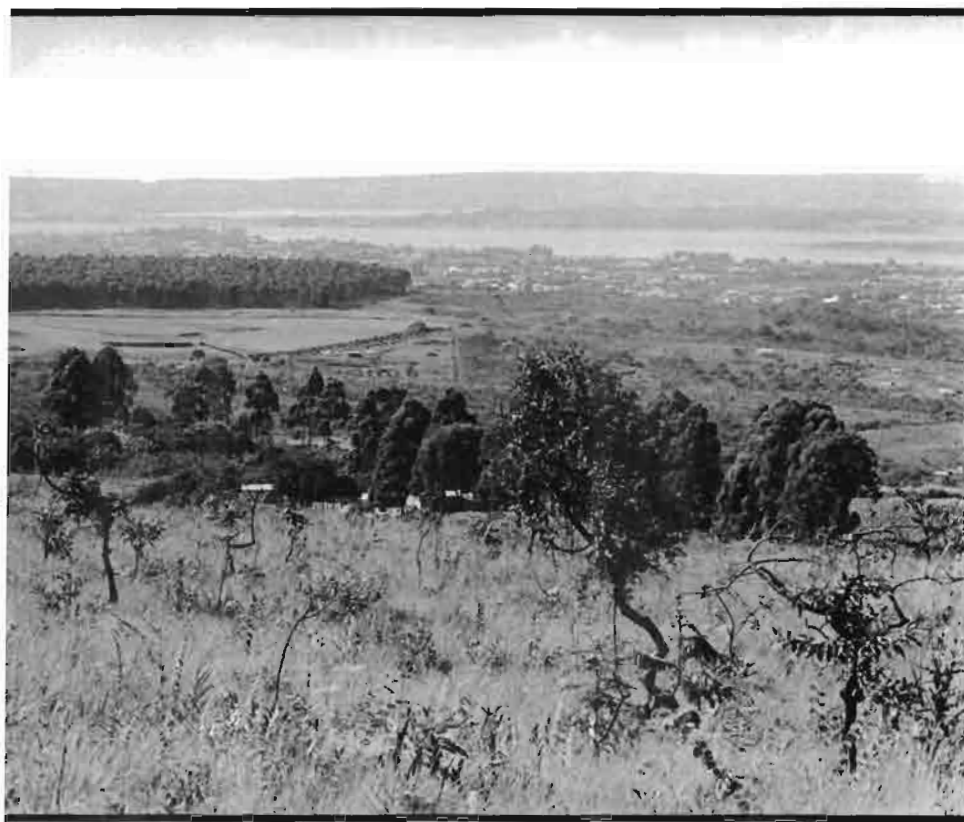




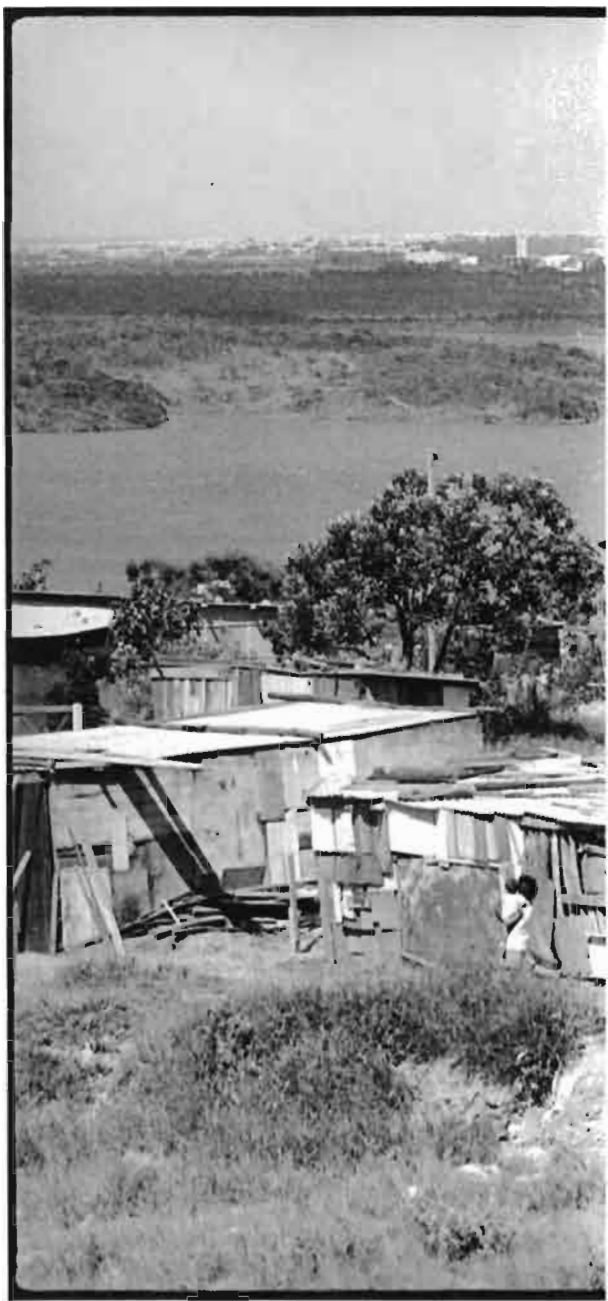


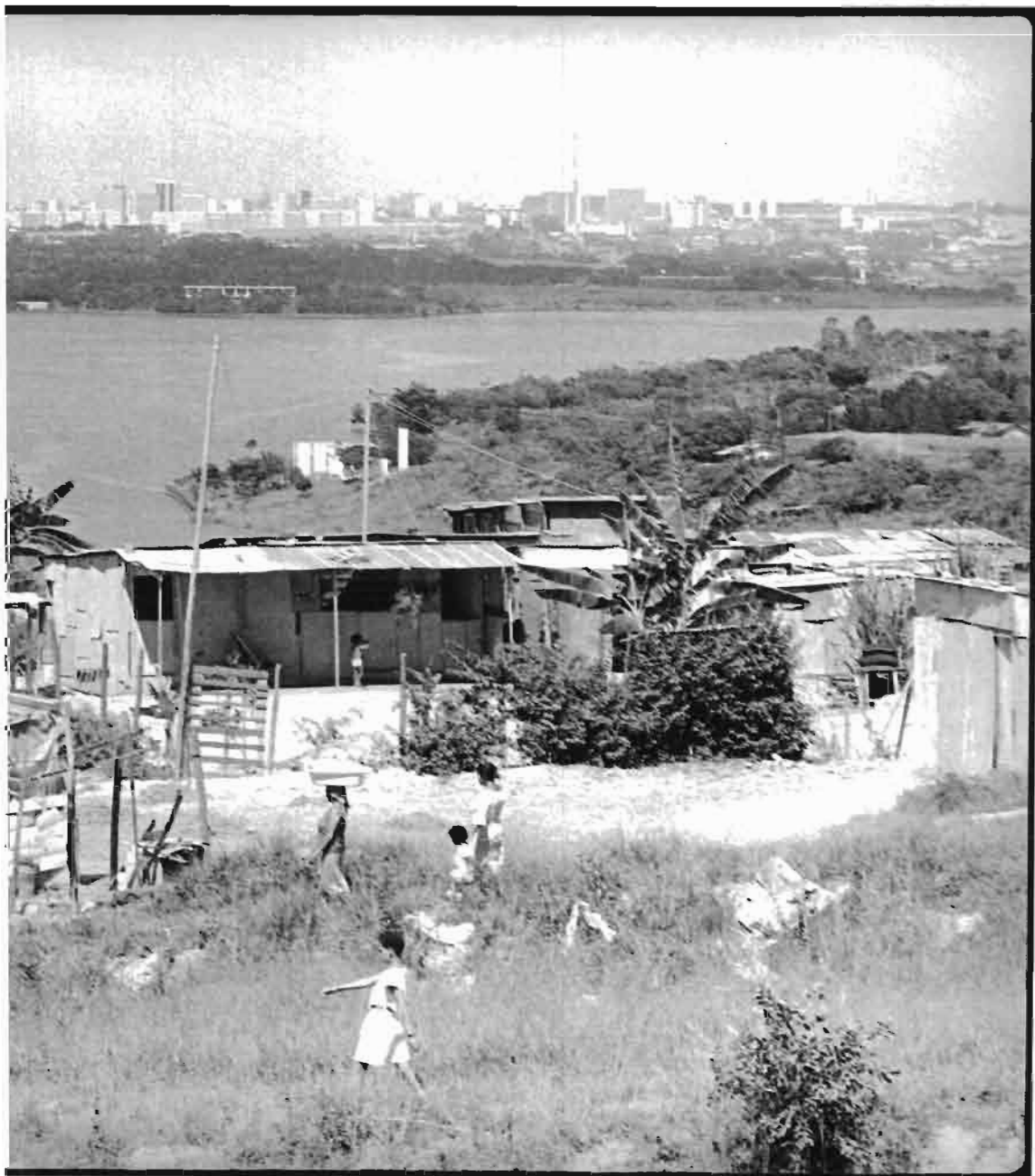




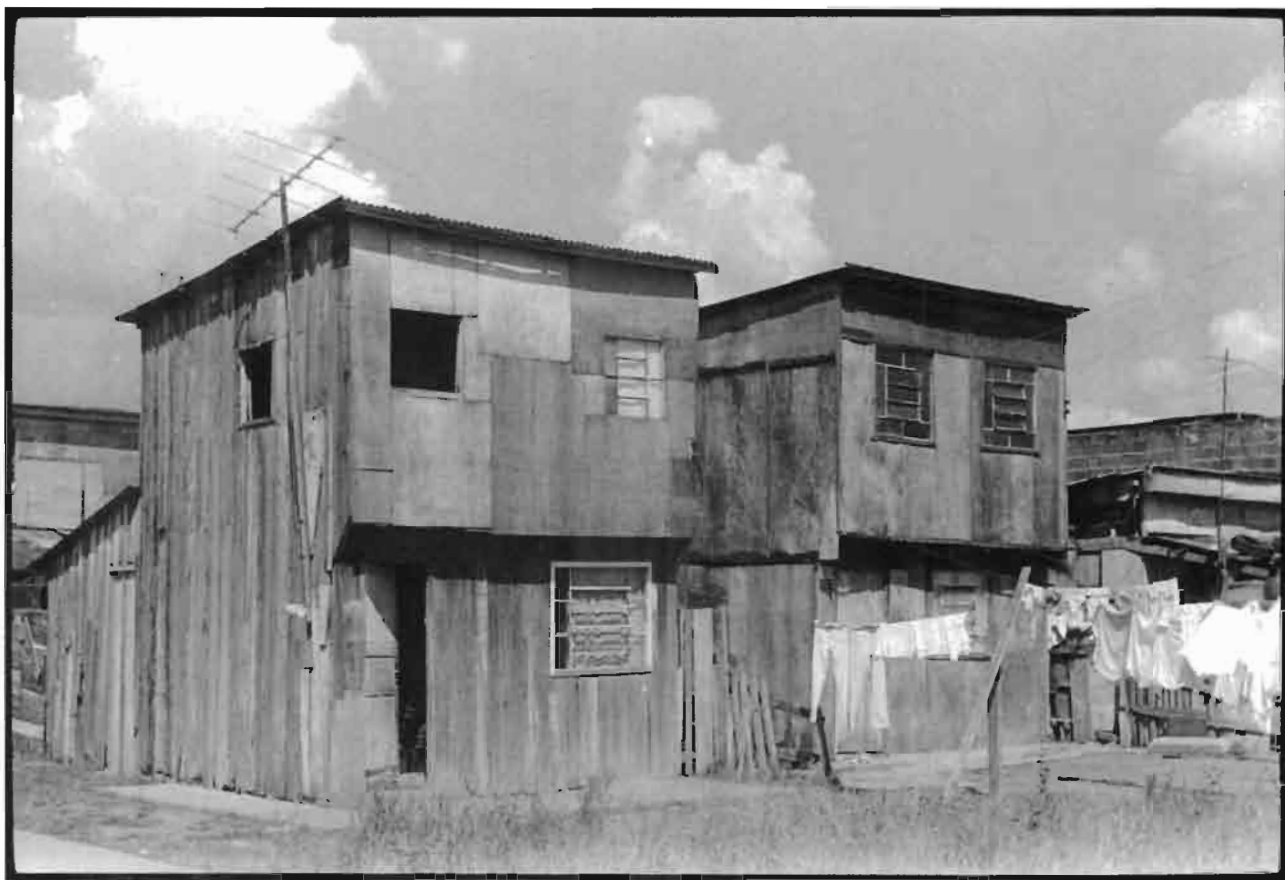


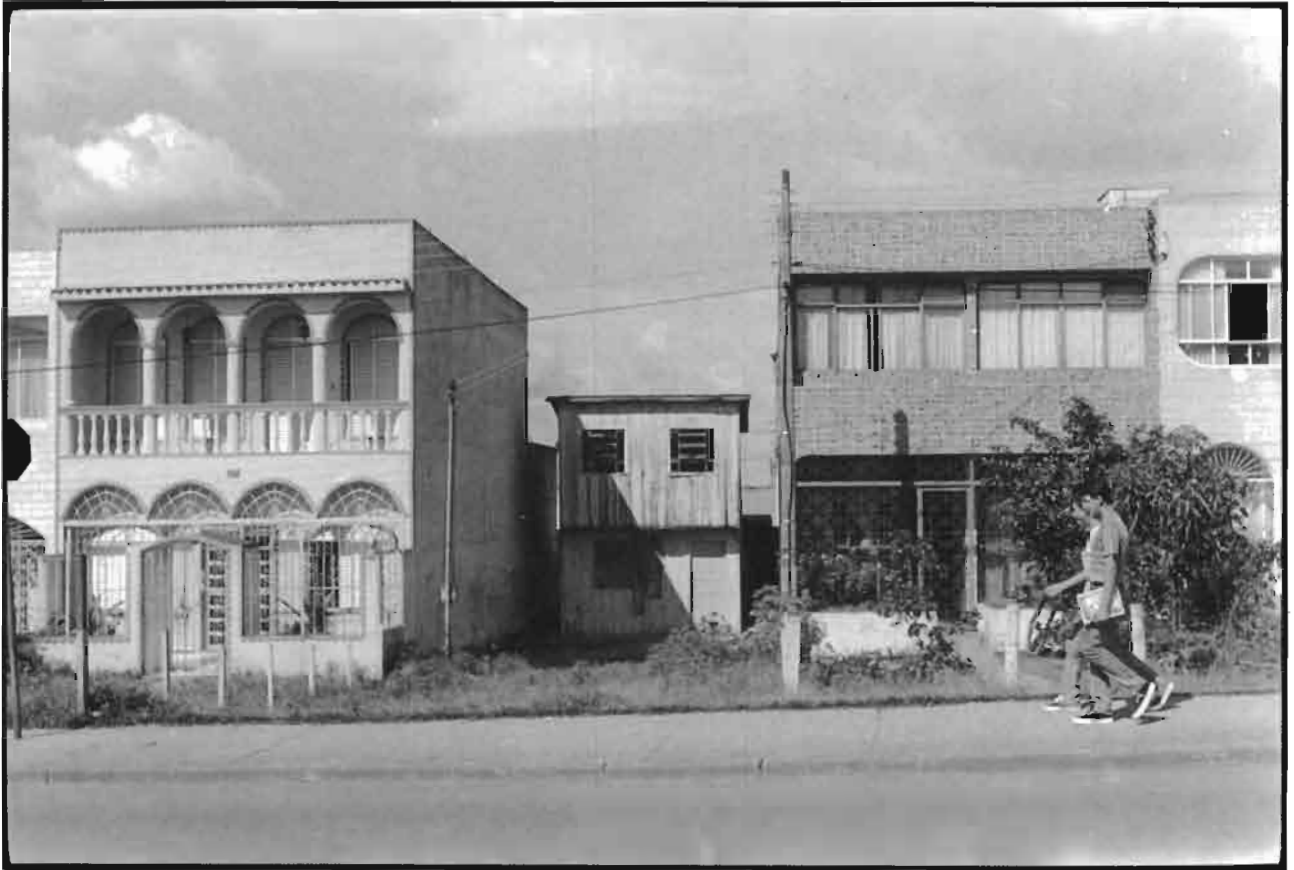


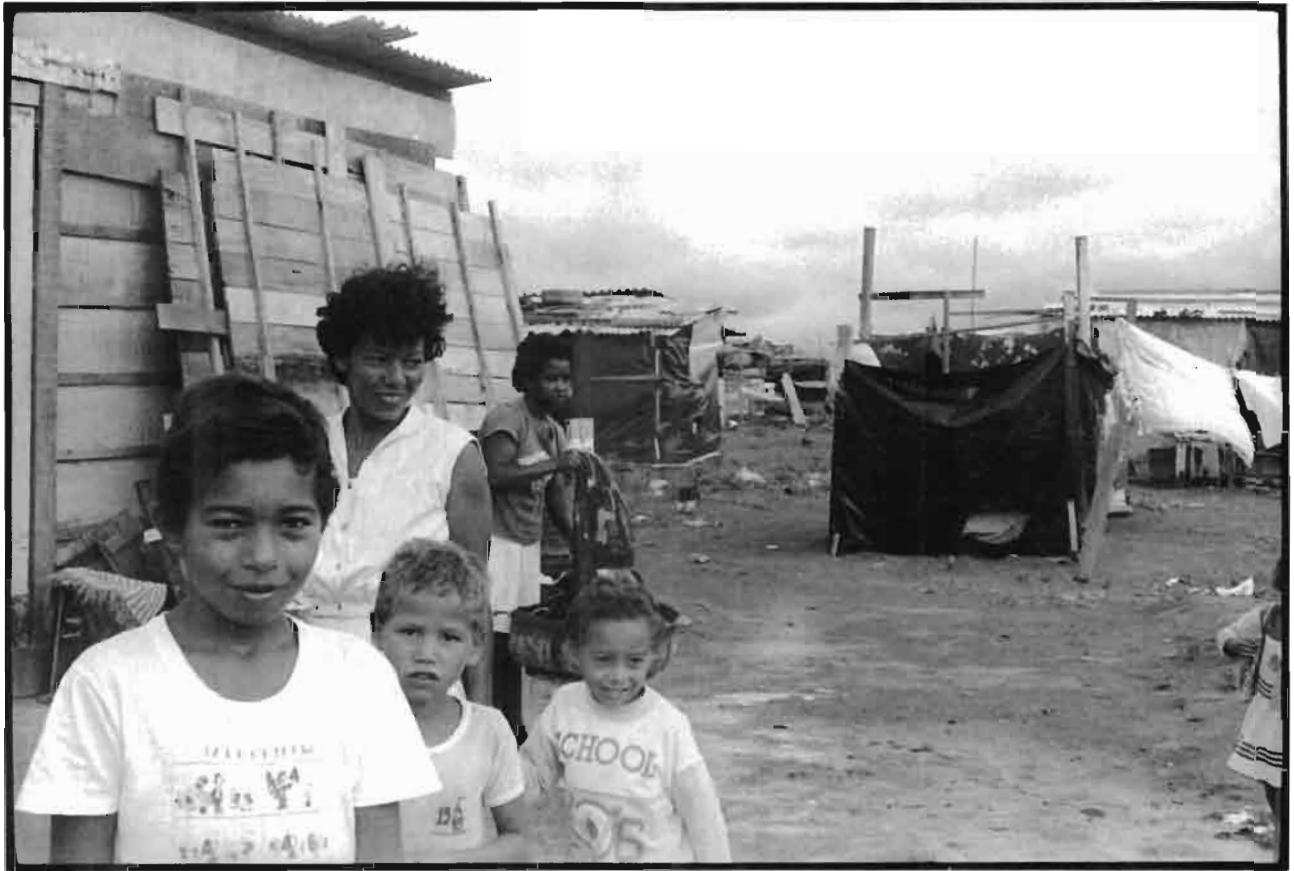


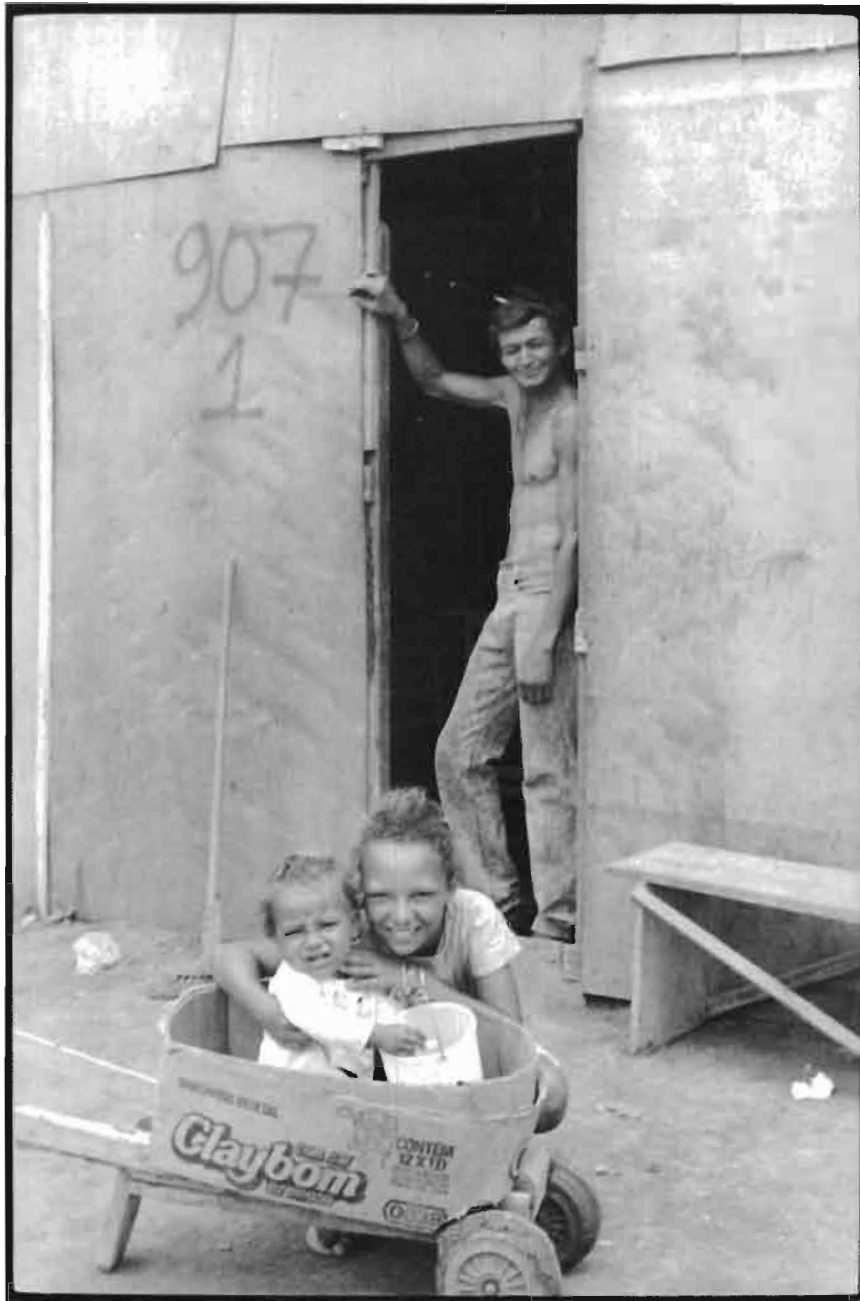






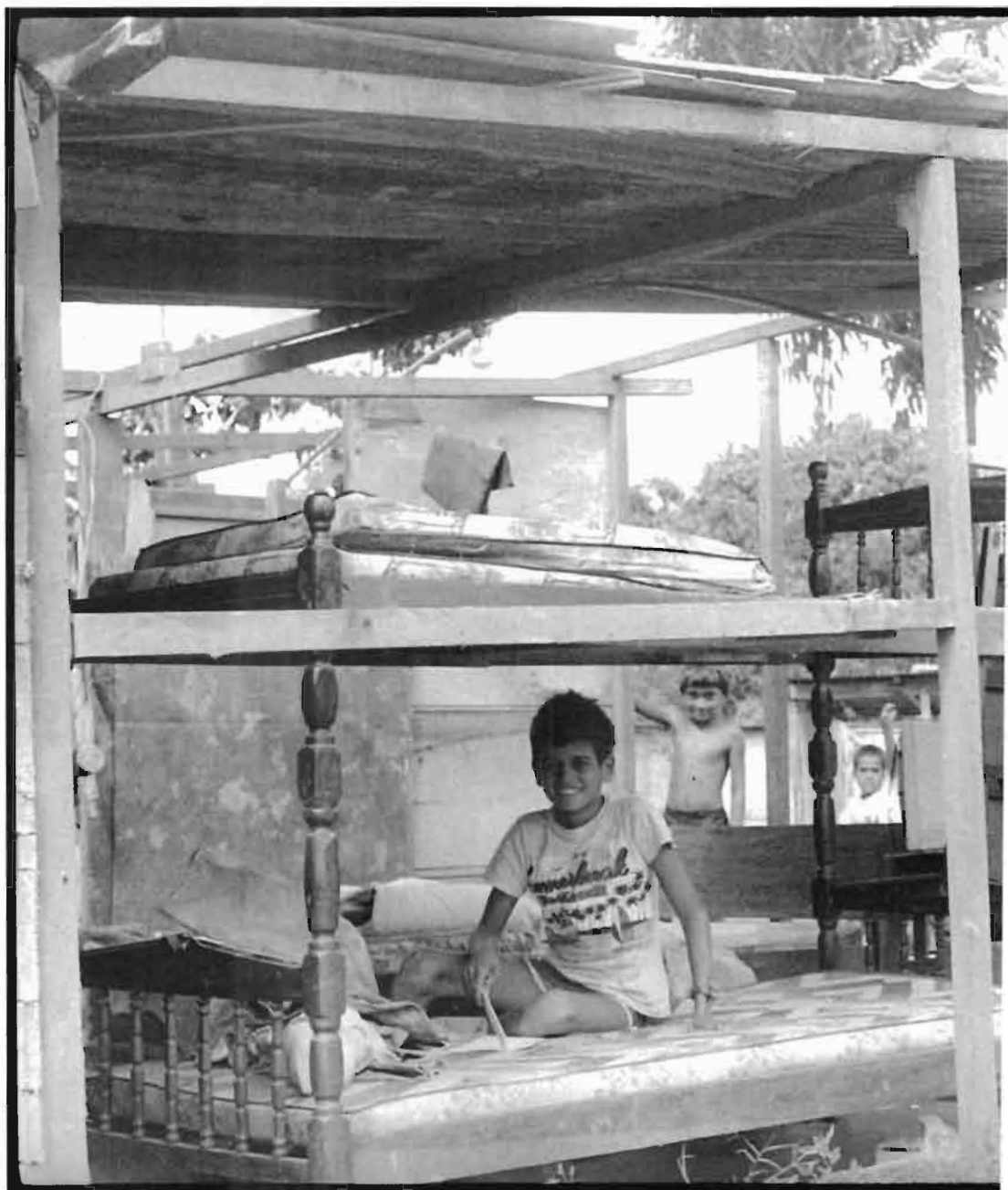








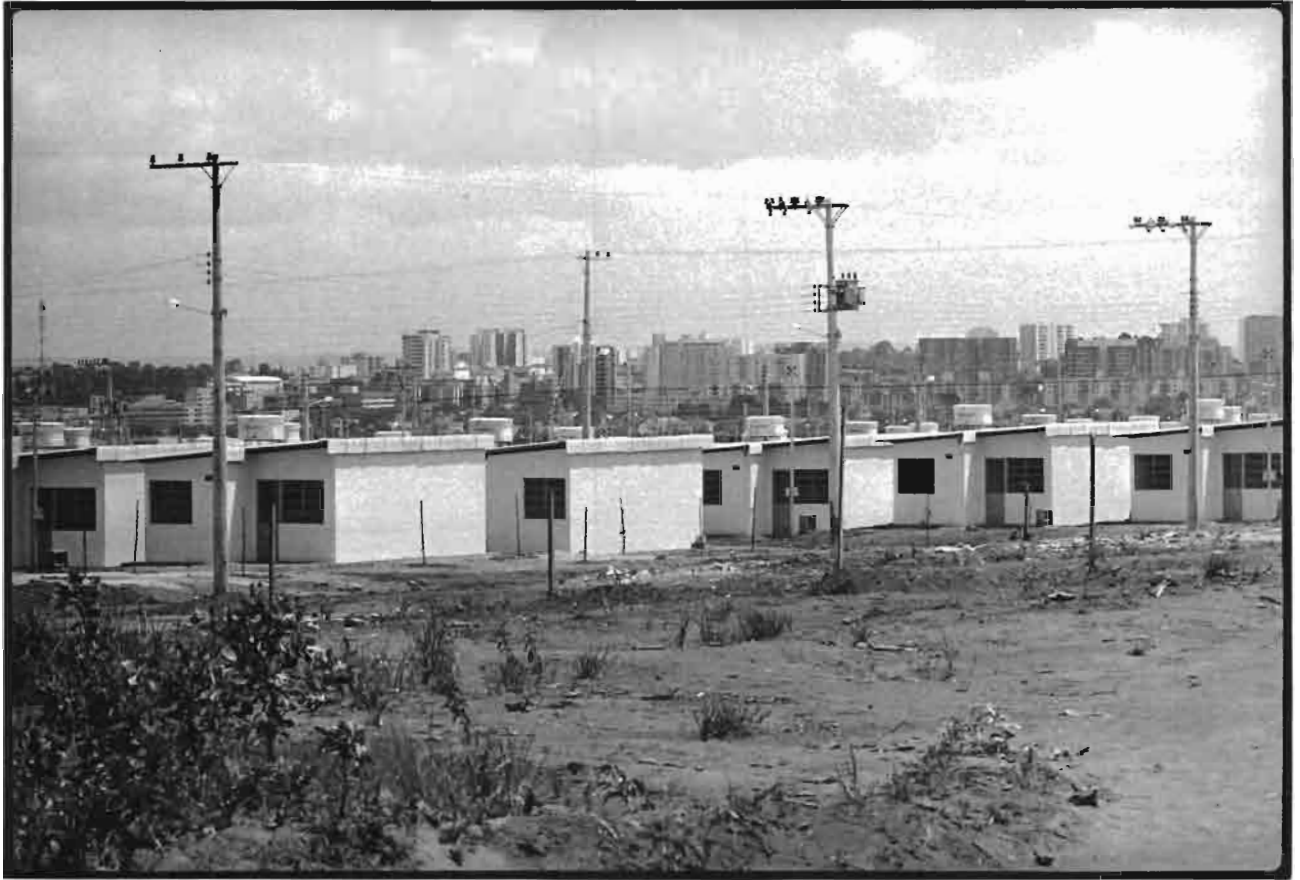








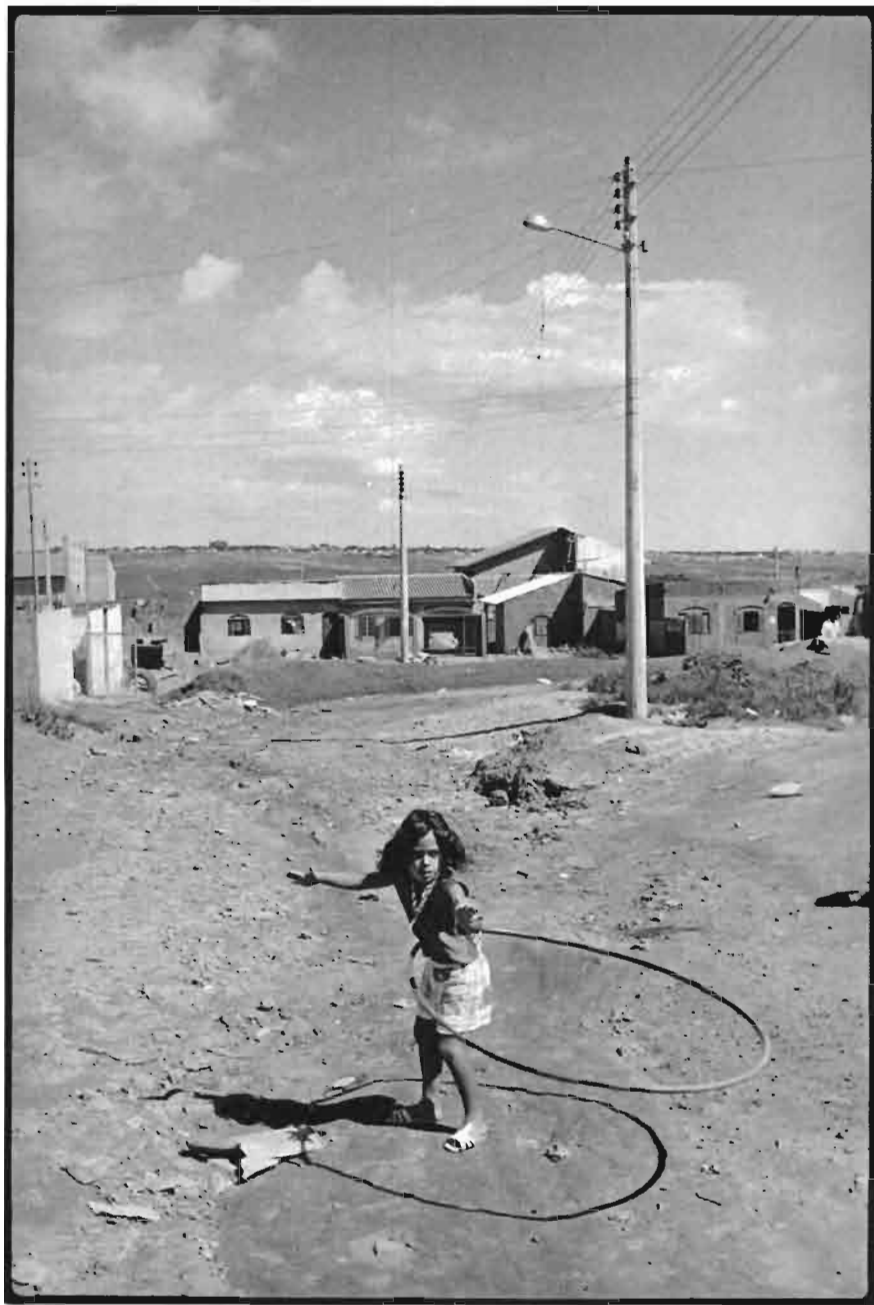














## LEGENDAS/LEGENDES

Capa: Domingo.

Couverture: *Dimanche*.

Folha de rosto: Os autores, Saída Norte.

Page de garde: *Les auteurs, Sortie Nord*.

9. Cruzamento dos Eixos. *Croisement des Axes*. 06/1957.
10. Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). *Cité Libre (Núcleo Bandeirante)*. 1959.
11. Praça dos Três Poderes. *Place des Trois Pouvoirs*. 04/1959.
11. Candangos. *Ouvriers de la construction*. 1959.
12. Habitação provisória no Cerrado. *Habitation provisoire dans le Cerrado*. 1956.
13. Primeiras Quadras. *Premières "Quadras"*. 07/1959.
14. Rodoferroviária. *Gare routière et ferroviaire*.
19. Rodoferroviária. *Gare routière et ferroviaire*.
20. Rodoferroviária. *Gare routière et ferroviaire*.
27. Eixo Monumental. *Axe Monumental*.
28. Memorial J.K. *Memorial J.K.*
29. Rodoviária. *Gare routière*.
30. Catedral. *Cathédrale*.
31. Teatro Nacional. *Théâtre National*.
32. Panteão. *Panthéon*.
33. Itamaraty. *Ministère des Relations Extérieures*.
34. Esplanada dos Ministérios. Manifestação contra o Plano Verão. *Esplanade des Ministères. Manifestation contre le Plan été*. 26/01/1989.
35. Esplanada dos Ministérios. Manifestação contra o Plano Verão. *Esplanade des Ministères. Manifestation contre le Plan été*. 16/02/1989.
36. Esplanada dos Ministérios. Manifestação contra o Plano Verão. *Esplanade des Ministères. Manifestation contre le Plan été*. 26/01/1989.
37. Domingo. *Dimanche*.
38. SHN. *Secteur Hôtelier Nord*.
39. Eixo Rodoviário Leste. *Axe Routier Est*.
40. Rodoviária. *Gare routière*.
41. Rodoviária. *Gare routière*.
42. Eixo Monumental. *Axe Monumental*.
43. Eixo Monumental. *Axe Monumental*.
44. Estrada Parque Indústria e Abastecimento. *Boulevard Industrie et Approvisionnement*.
45. Estrada Parque Ceilândia. *Boulevard Ceilândia*.

46. Feira do Guará. *Marché de Guará*.
47. SDN, Conjunto Nacional. *Secteur de Divertissement Nord*.
48. Rodoviária. *Gare routière*.
49. Eixo Monumental com o Setor de Diversão Sul ao fundo. *Axe Monumental avec, au fond, le Secteur de Divertissement Sud*.
50. SCLS 104. *Interquadras 104*.
51. SQS 307. *Superquadra 307*.
52. SHGS 708. *Secteur d'Habitation Groupée Sud 708*.
53. Núcleo Bandeirante. *Núcleo Bandeirante*.
54. SCLS 206. *Superquadra 206*.
55. SQS 208. *Superquadra 208*.
56. SQS 106, Bloco F. *Superquadra 106, Bloc F*.
57. SQN 410. *Superquadra 410*.
58. Centro Comercial, Saída Sul. *Centre Commercial, Sortie Sud*.
59. Acampamento da Telebrasilíia, Lago Sul. *"Occupation" de la Telebrasilíia Lac Sud*.
61. Panorâmica, vista Norte. *Panorama, vue Nord*.
63. Paranoá. *Paranoá*.
64. Núcleo Bandeirante, casas pioneiras. *Núcleo Bandeirante, maisons pionnières*.
65. Núcleo Bandeirante. *Núcleo Bandeirante*.
66. Invasão da Boca da Mata, Taguatinga. *"Invasion" de Boca da Mata, Taguatinga*.
67. Invasão da Boca da Mata, Taguatinga. *"Invasion" de Boca da Mata, Taguatinga*.
68. Remoção da invasão da Boca da Mata para Samambaia. *"Invasion" de Boca da Mata: ent attendant le relogement à Samambaia*. 03/1989.
69. Remoção da invasão da Boca da Mata para Samambaia. *"Invasion" de Boca da Mata: ent attendant le relogement à Samambaia*. 03/1989.
71. Habitação provisória, Invasão da Boca da Mata. *Habitation provisoire, "invasion" de Boca da Mata*.
72. Samambaia. *Samambaia*.
73. Samambaia, módulos do BNH. *Samambaia, modules "BNH"*.
74. Samambaia, módulos do BNH. *Samambaia, modules "BNH"*.
75. Samambaia, módulos do BNH. *Samambaia, modules "BNH"*.
77. Samambaia. *Samambaia*.



## REFERÊNCIAS/*REFERENCES*

- Brasília Ano 20  
Depoimento de 35 fotógrafos de Brasília  
AGIL – fotojornalismo, Brasília, 1980
- Brasília, Ideologia e Realidade – Espaço urbano em questão  
Aldo PAVIANI (org.)  
Projeto – CNPq, São Paulo, 1985
- Minha Mala, Meu Destino  
fotografias de Mario Fontenelle  
Coordenação de Raquel Cavalcante  
Alhambra, Brasília, 1988
- Urbanização e Metropolização. A gestão dos conflitos em Brasília  
Aldo PAVIANI (org.)  
Editora da UnB/CODEPLAN, Brasília, 1987

Projeto Gráfico – Antonio José de Lima Neto  
*Maquettes*

Acompanhamento Gráfico – Wagner A. Rizzo  
*Assistant de réalisation*

Tradução – Elizabeth Maria Speller  
*Traduction*

Duotons – Arnold Baumgartner  
*Double ton*

Impressão e acabamento – Linha Gráfica Editora  
*Impression et finition*

Colaboradora – Rita Bentes  
*Collaborateur*

Difusion en France, ORSTOM.